

---

## Quais lições podemos aprender com a leitura de “Antropologia da Ciência e da Tecnologia”?

Simone de Oliveira Mestre

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8038>

DOI: 10.4000/pontourbe.8038

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Simone de Oliveira Mestre, « Quais lições podemos aprender com a leitura de “Antropologia da Ciência e da Tecnologia”? », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8038>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Quais lições podemos aprender com a leitura de “Antropologia da Ciência e da Tecnologia”?

Simone de Oliveira Mestre

---

## REFERÊNCIA

FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (Org.). *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 310p.

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 27/04/2020

Aceitação / Accepted 04/06/2020

- 1 A alegoria da neutralidade científica e a cristalização no inconsciente popular da tecnologia como a materialização do “avanço” civilizatório se tornaram temas e objetos recorrentes de estudos pelas Ciências Humanas no Brasil e no mundo. Pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas como Filosofia, Sociologia, Antropologia entre outras, buscam compreender a Ciência e a Tecnologia (C&T) a partir de outras narrativas, lugares e olhares, investindo esforços na compreensão das relações entre sujeitos e C&T em um universo interno e externo das instituições científicas. Universo esse que é habitado por múltiplas controvérsias, que por sua vez são alimentadas por narrativas localizadas em lugares de disputas e conformações.
- 2 Um recente exemplo desses esforços no campo de estudos da C&T, sobretudo, para o campo de pesquisa da Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ACT) está materializado no livro *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: dobras reflexivas*<sup>1</sup>, publicado em 2016, pela editora Sulina e organizado em formato de coletânea por quatro antropólogas

brasileiras: Cláudia Fonseca<sup>2</sup>; Fabíola Rohden<sup>3</sup>; Paula Sandrine Machado<sup>4</sup> e Heloísa Salvatti Paim<sup>5</sup>.

- 3 É importante mencionar outras contribuições dessas antropólogas para a Antropologia da C&T; entre elas, podemos citar as seguintes publicações: *Ciência da Vida: antropologia da ciência em perspectiva*, organizada por Cláudia Fonseca, Paula Machado e Fabíola Rohden (Editora Terceiro Nome, 2003); *Ciência, Identificação e tecnologias de governo*, por Cláudia Fonseca e Helena Machado (Editora da UFRGS, 2015); *Parentesco, tecnologia e lei na era do DNA*, de Cláudia Fonseca (Editora UERJ, 2014); *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*, de Fabíola Rohden (Editora Fiocruz, 2001;2009).
- 4 O livro objeto desta resenha é resultado da seleção dos trabalhos apresentados nas mesas-redondas da V Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (V ReACT), realizada em 2015 na cidade de Porto Alegre com a participação de pesquisadoras/pesquisadores de diversas áreas e países. O objetivo é apresentar reflexões em torno das distintas pesquisas e perspectivas antropológicas e suas interconexões com a(s) ciência(s), visando demonstrar “como sujeitos forjam maneiras de agir, nomear e vir a conhecer um mundo em que objetos híbridos da ciência e da tecnologia ocupam uma centralidade cada vez maior” (Velho, 2016:10).
- 5 A publicação foi estruturada por um capítulo inicial intitulado “Antropologia das Ciências no Brasil, elaborado pelas organizadoras, seguindo da divisão do livro através de três “dobras reflexivas” e que foram nomeadas por elas como: Antropologia como forma de exposição social; Técnicas estabilizadoras em contextos controvertidos; Modos de participar, modos de viver, modos de conhecer. Essas “dobras reflexivas” são compostas por onze textos que carregam várias lições para aqueles que buscam aprofundar seus estudos na área; por isso, foi retirada uma lição reflexiva de cada uma dessas “dobras” para ilustrar à/ao leitora/leitor algumas das muitas reflexões do livro.
- 6 A primeira parte do livro “**Antropologia como forma de exposição social**” ‘é composta por quatro artigos que tecem reflexões entre antropologia, religião e arte, e nela encontramos as duas primeiras lições do livro. A primeira lição que podemos tirar do livro consiste em compreender que nossas relações com o conhecimento estão localizadas na interação entre pessoas e objetos, inclusive objetos que não são considerados “científicos”. Portanto, devemos compreender o fazer antropológico como uma intercessão artística, como argumenta Emerson Giumbelli ao dizer que “o jogo entre ciência, arte e religião pode ainda funcionar para pensar a própria antropologia [...] o modo da antropologia ser ciência envolve a relação com certo modo de pensar a arte e a religião” (Giumbelli, 2016:58). Ou seja, a religião e a arte não podem ser percebidas pelos antropólogos como lugares habitados pelos “povos sem ciência”. As fronteiras da antropologia da C&T estão além do conhecimento proporcionado pelas etnografias de laboratório.
- 7 O livro apresenta reflexões distintas dessa interação, destacando as dimensões artística, científica e religiosa dos objetos. Pontuando como os objetos artísticos contribuem para uma compreensão criativa dos significados presentes em nossa sociedade, uma vez que podem “alargar nossa imaginação sobre o mundo das coisas; sobre o que elas podem e fazem” (Peixoto, 2016:65). Enquanto, os objetos científicos são “fatos que produzem fatos” (Ferreira, 2016:90) e que permitem pensar e questionar a materialização política da ciência. Visto que as observações em torno dos objetos religiosos demonstram que “o objeto só vem a ser – “nascer” – no ato de sua exposição” (Port, 2016:101),

evidenciando que os objetos e as relações estabelecidas com eles podem ser situacionais, polissêmicas e múltiplas.

- 8 Na segunda parte **“Técnicas estabilizadoras em contextos controvertidos”** encontramos a segunda lição do livro, e nela aprendemos que as controvérsias tecnocientíficas podem assumir contornos multifacetados; entre eles podemos destacar: a) os embates em torno das incertezas científicas, principalmente quando são “disputadas na esfera mais ampla da política, da economia e da Ciência (Monteiro, 2016:121); b) a utilização da tecnocracia para a “unificação de entendimentos” (Bevilaqua, 2016:163) que delimitam a atuação de órgãos governamentais; c) o desenvolvimento de tecnologias que visam “apoiar a implementação de mecanismos de controle, previsão e quantificação do “perigo” (Machado & Santos, 2016:181) que muitas vezes reforçam estigmas e a criminalização em torno de determinados grupos sociais; d) a atuação de “não cientistas” no processo de concepção e desenvolvimento das tecnologias, localizado “num contexto em que os cidadãos “leigos” podem configurar-se como participantes ativos nos processos decisórios (Silva et al, 2016:208).
- 9 Na terceira e última parte **“Modos de participar, modos de viver, modos de conhecer”**, apreendemos a terceira e mais importante lição - reconhecer como as formas de “fazer”, “conhecer” e “utilizar” as ciências extrapolam as fronteiras do conhecimento científico e coexistem. Todos os textos dessa dobra reflexiva apresentam reflexões que sensibilizam, revoltam e causam preocupação. As formas de mobilizações desses “modos” de viver e conhecer são ilustradas no livro a partir de três estudos etnográficos, dois deles sobre os conflitos socioambientais na Amazônia brasileira, ambos centrados na compreensão de como os projetos governamentais e desenvolvimentistas ameaçam a sobrevivência dos povos tradicionais. O primeiro caso está centrado na luta do Povo Mura pela demarcação de suas terras, arbitrariamente sobreposta pela criação de uma Unidade Estadual de Conservação Ambiental. Nesse caso específico, Marta Amoroso mostra como os Muras lidam com a retórica ambiental respaldada nos valores científicos de preservação para negociarem sua permanência em suas terras, segundo ela, “Espera-se deles que sejam guardiões da floresta, e eles desenvolvem esse discurso para se protegerem das espoliações fundiárias, ou de políticas ambientais excludentes” (Amoroso. 2016: 250).
- 10 O segundo caso gira em torno das divergências de significados sobre o termo “ambiente” entre ribeirinhos e especialistas no processo de construção das usinas hidrelétricas em Belo Monte. Nele, Lorena Fleury demonstra como no processo de indenização a visão limitada desses especialistas atribuem maiores compensações financeiras para os atingidos que dispõem de práticas agroindustriais e tecnicadas que agridem o ambiente, enquanto atribuem valores irrisórios para ribeirinhos que utilizam de práticas extrativistas que preservam o ambiente. Ou seja, no processo, os ribeirinhos são duplamente prejudicados, primeiro por terem que se retirar de suas terras e posteriormente pela desvalorização do seu modo de vida, uma vez que, na percepção dos ribeirinhos, eles são penalizados pelos técnicos do empreendimento por terem preservado a natureza. Por fim, temos no texto de Guilherme Radomsky um interessante caso de disputas sobre a propriedade intelectual a partir da análise do ativismo político contra as patentes de sementes que é protagonizado por três entidades, no qual o autor busca “analisar as relações entre forças globais e locais no que diz respeito a direitos intelectuais e como as organizações obtêm sucesso ao

conduzir para o âmbito da mobilização social tais assuntos relacionados a formas de controle proprietário sobre a vida (Radomsky, 2016: 282).

- 11 Por se tratar de uma publicação multitemática e escrita por muitas mãos, a/ o leitora/ leitor irá encontrar um panorama diversificado de olhares sobre as principais questões abordadas pela antropologia da Ciência e da Tecnologia. Por outro lado, é necessário considerar as particularidades da escrita das autoras e autores; cada texto busca aproximar-se de uma questão ou de um assunto específico e dispõem de um modo próprio de escrita, por isso a leitora ou leitor encontrará desde textos “fluidos” e “fáceis” de serem lidos até outros dotados de uma estrutura “rígida” e carregada de termos técnicos que engessam a leitura.
- 12 No entanto, a publicação não perde sua dimensão formativa, tanto para quem está iniciando seus estudos quanto para os mais familiarizados com o assunto. Nela a/o leitora/leitor irá encontrar, por meio dos casos etnográficos e situações descritas, diversos instrumentos críticos para confrontar a “cristalização” da ciência e da tecnologia como a materialização do “avanço” civilizatório. Indubitavelmente a leitura de “Antropologia da Ciência e da Tecnologias: dobras reflexivas” é uma referência obrigatória para aquelas/aqueles que estão em busca de compreender a relação entre sujeitos e conhecimento a partir de uma perspectiva não binária sobre a Ciência e a tecnologia.

---

## BIBLIOGRAFIA

AMOROSO, Marta. 2016. “Impasses do ambientalismo no baixo Madeira: O caso Mura”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas. Porto Alegre: Sulina. pp.235-257.

BELVILAQUA. Ciméa B. 2016. “A unidade do estado como processo técnico”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas. Porto Alegre: Sulina. pp.149-179.

FERREIRA, Pedro P. 2016. “Objetos científicos: armadilhas para suscitar a natura”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas. Porto Alegre: Sulina. pp.81-98.

FLEURY. Lorena Cândido. 2016. “O “componente ambiental” dos projetos de desenvolvimento: transformações, coexistência e conflitos na Amazônia brasileira”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas. Porto Alegre: Sulina. pp.259-279.

GIUMBELLI. Emerson. 2016. “Ciência, arte, religião: conexões, dissoluções”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas. Porto Alegre: Sulina. pp.35-61.

MACHADO. Helena & SANTOS. Filipe. 2016. “Culturas de objetividade, epistemologias cívicas e o suspeito transnacional. Uma proposta para mapeamentos teóricos em estudos sociais da genética

forense”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.181-206.

MONTEIRO, Marko. 2016. “Politizando incertezas: o sensoriamento remoto e o desmate no Brasil”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.119-145.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. 2016. “Os objetos e suas artes”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.63-80.

PORT, Mattijs Van de. 2016. “Expondo Exu: Algumas notas sobre práticas de exposição em religião, artes e ciências”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.99-116.

RODOMSKY, Guilherme F. W. 2016. “Propriedade intelectual: genética de plantas e ativismo transnacional”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.281-304..

SILVA, S.; RODRIGUES, B.; MACHADO, H.; SAMORINHA, C.; FREITAS, C. 2016. “Narrativas em torno da utilização de embriões de origem humana na investigação científica: saúde, ética e cidadania”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.207-231.

VELHO, Otávio. 2016. “Prefácio”. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S.; PAIM, H. (org.), *Antropologia da Ciência e da Tecnologia: Dobras reflexivas*. Porto Alegre: Sulina. pp.7-13

## NOTAS

1. É importante salientar que os debates que deram origem às reflexões apresentadas no livro foram realizadas no ano de 2015. No intervalo entre o lançamento do livro (2016) e a publicação desta resenha, ocorreram muitas mudanças nos cenários científico e político brasileiros. Ao mesmo tempo que ampliamos os campos temáticos de pesquisas na área, presenciamos no Brasil esforços consecutivos de grupos políticos conservadores para deslegitimar as práticas científicas, sobretudo das Ciências Humanas. Atualmente, a incredulidade paira sobre a ciência em proporções mais significativas e preocupantes que em 2016.

2. Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3. Professora adjunta do Departamento de Antropologia da UFRGS.

4. Professora adjunta do Departamento de Psicologia Social (UFRGS) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFRSG).

5. Pesquisadora associada ao Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACi), UFRGS.

6. Considerando as mudanças nos cenários científico e político mencionadas na primeira nota de rodapé desta resenha, provavelmente, os debates recentes em torno das aproximações entre arte, religião e conhecimento “leigos” ganhariam contornos diferentes dos apresentados no livro. Todavia, a discursão abordada nesta parte do livro não deixa de ter relevância para uma compreensão profunda da temática.

---

## AUTOR

### **SIMONE DE OLIVEIRA MESTRE**

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutoranda de Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [simoneoliveiramestre@gmail.com](mailto:simoneoliveiramestre@gmail.com)